

**SEÇÃO
ESPECIAL**

Florestonias¹

Sobrevoos perfazem amazônicos,
Aromas emanam intensos, típicos.
Suave força do Acre.
Farturas, Culturas.

Florestas de gente,
Gentes da floresta.
E no mote dos encontros,
Viagens, paisagens,
Imensa festa.

Povos, pensamentos,
Unem-se tranquilos,
Mochilas, porongas,
Embornais, notebooks,
Botas, chinelas,
Açaís, jarinas,
Tantas sementes,
Marfins sociais.

Em paz rupturas,
Músicas, sabores,
Olhares, buscas e trocas,
Exalam ternuras.

Histórias em aproximação,
Paisagens reais, simbólicas,
Telúricas, aquáticas, aéreas,
Com muito calor humano.

Humanidades são naturezas,
Ideias, caminhos,
Intrigantes geoglifos,
Odores, saberes,
Entes da floresta,
Fantásticos seres.
Gentis seringais,
Propõem caminhadas, intercâmbios.
Social e ambiental,
Descobrem-se únicos
Em território acreano.

Mensagens de Chico Mendes,
Embates, empates,
Caminhos da sustentabilidade,
Sabedorias da natureza.

E com isso,
Muito além das provocações,
Sensações.
Aprendemos legados,
Entendemos recados,
Florestas são harmonias,
Florestas, perfeitas sintonias...

Luiz Afonso Vaz de Figueiredo
Rio Branco (AC)
12 nov. 2013

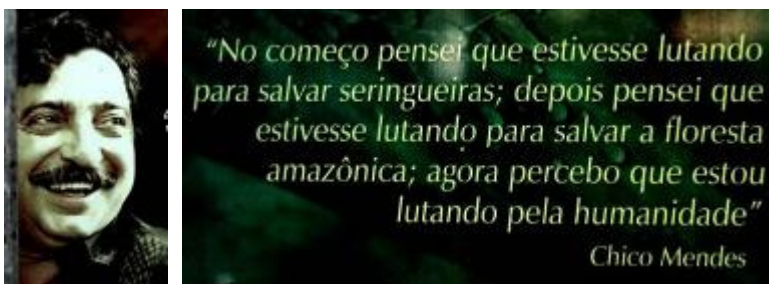
¹Nos ecos da floresta colhemos frutos dos saberes compartilhados, amizades construídas ou renovadas, durante o IX Congresso Nacional de Ecoturismo (CONECOTUR), realizado pela SBECotur em Rio Branco (AC) no período entre 12 a 14 de novembro de 2013.



Cultura e natureza no legado e caminhos de Chico Mendes e dos povos da floresta: revisões e reflexões

Culture and nature in the legacy and paths of Chico Mendes and the forest people: reviews and reflexions

Luiz Afonso Vaz de Figueiredo



Francisco Alves Mendes Filho (Nasc.: 15 dez.1944 // (+)22 dez. 1988)

Momento de imersão 1- Rio Branco

(Contatando a luta dos acreanos e a trajetória de Chico Mendes)

O voo já estava terminando, visto a aproximação de Rio Branco, mesmo assim, conseguia-se ver no meio da escuridão, representada pela noite no seio da floresta amazônica, um ponto ou outro de luz, isolados, indicando cidades, povoações e comunidades. Muito mais até do que eu próprio esperava.

O primeiro contato em solo acreano já trazia no ar, além do abafado do clima, aromas florestais peculiares, amadeirados, cheiros diversos, algo novo, difíceis de serem especificados, mas que indicavam particularidades da natureza e cultura nesse estado amazônico.

A recepção calorosa do povo acreano, que nos esperava para conferências que seriam realizadas durante o 9º. Congresso Nacional de Ecoturismo (CONECOTUR), já dava mostras de que nós não tínhamos a menor ideia do que efetivamente era esse recanto pitoresco do Brasil e havia muita coisa boa por vir.

Povo culto, politizado, participativo, alegre e hospitaleiro e a cidade organizada, muito limpa, segura e conservada. Dava gosto andar pela cidade, e ademais do calor úmido intenso, sentimos também um imenso calor humano. Destacam-se também os valores dados à memória regional, a educação e à cultura. Sim, Rio Branco também enfrenta seus problemas socioambientais, como toda capital brasileira que vivencia um processo de urbanização acentuada. No entanto, observa-se isso muito mais

brando do que conhecemos nas capitais do eixo sul-sudeste-nordeste, minimizado por uma experiência efetivamente democrática.

A comida típica é uma mistura de comida nordestina, paraense e sírio-libanesa, sabores muito próprios. Entre as mais conhecidas, está o tacacá, o pato e a rabada no tucupi, o tambaqui ao leite. Mas, logo tivemos contato também com a “baixaria”, o mingau de banana, a tapioca, o “salame” de cupuaçu e o doce de castanha cristalizada, que foram sendo servidos nos intervalos do CONECOTUR, promovendo nossa integração gastronômica no território acreano e ao mesmo tempo com os participantes do evento, que vinham de diversas regiões brasileiras, embora predominasse o próprio povo do Acre.

Tudo transpira Chico Mendes por aqui, sua luta, seu caráter, sua energia, a força unificadora dos seringueiros com os povos indígenas. Vemos em sua vida e suas inspirações questões fundamentais para novos rumos do ambientalismo brasileiro. Hoje, às vésperas dos 25 anos de sua ausência, paramos para fazer algumas reflexões sobre seu legado e dos povos da floresta.

Mas o que será que isso tem a ver com Ecoturismo. Ora, esse foi nosso maior aprendizado, mergulhados por uma semana nessa densa floresta de conhecimentos na Amazônia Ocidental, verificamos uma íntima e intensa relação com a essência do que deveria ser o Ecoturismo. Cultura e natureza interligadas, imbricadas espontaneamente. Nosso desafio foi sair à procura dessas relações.

A cidade propicia ao visitante uma diversidade de espaços culturais e áreas de lazer, assim como interessante patrimônio histórico-arquitetônico. A Catedral de Nossa Senhora de Nazaré, o Palácio Rio Branco, o Mercado Velho e sua passarela.



Foto 1 e 2: Cidade de Rio Branco: Catedral de Nossa Senhora de Nazaré e a Passarela Joaquim Macedo perto do Mercado Velho e da Ponte Juscelino Kubitschek (LAVF, nov. 2013).

O calçadão da Gameleira, um marco histórico de fundação da cidade de Rio Branco no século XIX, é um ponto de encontro cívico e cultural, bem próximo do monumento da Bandeira e do Cine Teatro Recreio, nas margens do Rio Acre. Dali se observa um entardecer poético, aprazível e reconfortante.



Foto 3:-Calçada da Gameleira, bem próximo do Monumento da Bandeira nas margens do Rio Acre (LAVF, nov. 2013).

Há também o Parque da Maternidade, em formato linear, a pitoresca Casa dos Povos da Floresta e um ponto de contato com a produção artística do lugar na Casa do Artesão. Isso sem falar das diversas barraquinhas para tomar açaí ou o tacacá, espalhadas pelas praças da cidade.

Na Biblioteca da Floresta, tivemos uma aula-imersão promovida por jovens monitores, moças e rapazes, simpáticos, envolvidos e muito preparados. Os detalhes da história do Acre, a questão dos seringais, a vida de Chico Mendes e as interações entre os povos da floresta (povos indígenas-seringueiros-caboclos). Aí se sente o espírito de viver próprio do acreano, denominado por eles como ***florestania***.



Foto 4, 5, 6 e 7: Bons momentos e imersão histórica promovida na Biblioteca da Floresta, onde vivenciamos um pacto entre homens brancos e os povos da floresta (LAVF, nov. 2013).

Aqui retomamos o nosso contato com a história de Chico Mendes e ao mesmo tempo com nossa origem como educadores-cientistas-ambientalistas, no início dos anos 1980. No entanto, com essa imersão direta na vida e nos ritmos amazônicos percebemos o pouco que sabemos da história completa e a riqueza de detalhes do processo de organização social dessa região brasileira.

A história do Acre é muito mais longa, com seus vários momentos e complexidades. A ocupação inicial pelos primeiros grupos humanos, que fugiam das glaciações e vieram em busca de alimento, para uma região onde ainda era savana, mas que ao longo das mudanças climáticas mais favoráveis e a formação da Amazônia foi diversificando em suas práticas sociais e culturais em plena harmonia com a floresta, levando à formação e fixação de diversos povos indígenas (ALLEGRETTI, 2002; CARVALHO, 2003).

Depois, entre o final do século XIX e início do século XX, ocorreu a luta pela incorporação da área do Acre no território brasileiro e posteriormente sua emancipação como estado nacional. Nordestinos foram atraídos pela ilusão de vida melhor para a coleta do látex nos seringais, longe da seca que os afligia, e que vieram para a produção da borracha, mas acabaram se tornando dependentes dos seringalistas, quase escravos (ALLEGRETTI, 2002; CARVALHO, 2003).

Outro momento, o dos Soldados da Borracha, que são novas levas de homens nordestinos trazidos para a região durante 2ª. Guerra Mundial, devido à necessidade de borracha para pneus de aviões e outros artefatos de guerra. Um batalhão de pessoas que acabou sendo esquecido em plena floresta, enganados por propagandas falsas, aviltados em seus direitos, que se viram sem condições de voltar para suas regiões de origem. E ainda teremos toda a luta e o processo de criação do estado do Acre e logo depois os percalços da ditadura militar (ALLEGRETTI, 2002; CARVALHO, 2003).

Assim, vemos que o estado do Acre tem uma história de sofrimentos e lutas, ao mesmo tempo, memória de perseverança e identidade, únicas. Lutaram contra os bolivianos para se assumirem como brasileiros; lutaram contra os próprios brasileiros para se assumirem como acreanos. Todavia, isso gerou força, altivez e resistência em um povo de muita fibra e com peculiaridades, construídas no suor e sangue de sua gente, em sua complexa história, tão esquecida ou mesmo desconhecida da maioria de nós, ditos “brasileiros”.

Essa nova composição social vai contribuir para a construção do espírito do lugar, em uma mescla de gente intimamente relacionada com a floresta, povos indígenas, migrantes e imigrantes, produzindo o fluxo sanguíneo próprio da vida acreana.

É nesse contexto que surge Francisco Alves Mendes Filho, conhecido internacionalmente como Chico Mendes. Nasceu em 15 de dezembro de 1944 e foi covardemente assassinado em 22 de dezembro de 1988, por fazendeiros de Xapuri. Foi seringueiro, líder sindicalista, político local e ambientalista. Em 1987 recebeu um dos maiores prêmios internacionais de meio ambiente, o Global 500, entregue pela ONU, além de ter recebido muitos outros destaques mundiais (ALLEGRETTI, 2002).

Almeida (2004) considera que os seringueiros eram praticamente invisíveis até os anos 1970, sendo que somente nos anos 1980 começam a ser considerados pelas articulações como movimento sindical agrário e na década seguinte recebendo outros olhares decorrentes da luta de Chico Mendes e seus companheiros, com a implantação das primeiras reservas extrativistas, momento que infelizmente o sindicalista-ambientalista não presenciou. *“Assim, em vinte anos, os camponeses da floresta passaram da invisibilidade à posição de paradigma de desenvolvimento sustentável com participação popular”* (ALMEIDA, 2004, p.33).

Chico Mendes é um representante ilustre do modo de vida extrativista, de um povo que lutou para impedir a destruição da floresta amazônica, seu lugar, seu sustento, sua herança. Em suas práticas propunha um movimento pacífico de proteção da floresta e do modo de vida dos povos extrativistas, que depois ficaram conhecidos como Aliança dos Povos da Floresta (indígenas, seringueiros, castanheiros, ribeirinhos, caboclos, quilombolas, e outros).

Na bela publicação infantil ofertada a nós, ***A História de Chiquinho***, idealizada por Elenira Mendes, a filha, produzida pelo Instituto Chico Mendes e apoiada por Ziraldo, o tom dado é o da história de Chico Mendes, mas a partir da ideia do embate entre “meninos que se fizeram adultos”, que eram aqueles que sabiam falar com os animais, com a floresta, contra “adultos que não nunca foram meninos”, que eram insensíveis e só queriam lucros imediatos, derrubando sem dó a floresta. A falta de diálogo e o desrespeito é o mote do texto.

Os adultos que não foram meninos, por não ouvirem as vozes dos bichos, das flores, das águas, não respeitavam nada. Olhavam o mundo como se não o visse. O mundo estava ali, diante deles, mas eles não viam, não ouviam (MENDES *et al.*, 2009).

Esses foram os nossos dias em Rio Branco, muita energia boa. Depois do evento fomos participar de atividades programadas para conhecer experiências turísticas da região. Além do *city tour* estava o balonismo ou mesmo o sobrevoo de avião monomotor como novas estratégias turísticas para o contato aéreo com figuras inusitadas da paisagem, que também unem cultura e natureza, os ***Geoglifos***.

São vestígios arqueológicos de estruturas geométricas de grandes dimensões, elaboradas no solo, mas que só podem ser inteiramente vistas do alto, tais como as famosas figuras de Nazca, que ocorrem no Peru. Intriga-nos por seus mistérios, que remontam desde sua produção espacial. Questiona-se sobre quem construiu esses monumentos, como eram essas pessoas, quais os motivos, como fizeram, para que servissem etc. Os estudos sobre essas feições antropogênicas na paisagem iniciaram no final dos anos 1970. No entanto, elas só começaram a ser observadas e descritas devido ao processo de desmatamento causado pela frente de expansão agropecuária na Amazônia e consequentes impactos (RANZI, 2011).



Fotos 8, 9, 10 e 11: Sobrevoos em avião monomotor na área dos geoglifos do Acre. Nota-se que estão localizados em áreas de fazendas, sofrendo diversos impactos negativos (Cadú Silva, nov. 2013)

Assim nos despedimos de Rio Branco. Novos desafios ainda estavam por vir, partimos para um roteiro de ecoturismo em Xapuri, organizado pela *Maanaim Turismo*, que mesclava turismo de aventura, turismo cultural, trilhas de enfoque botânico, caminhadas matinais, memória viva, forró, causos e boa comida regional.

Momento de imersão 2 - Xapuri

(Vida política, sindicalismo, cotidiano e as memórias de Chico Mendes)

A viagem a Xapuri segue por estrada razoável ao longo de mais de 180 km. A paisagem é dominada por áreas desflorestadas, pastos, buritizais, reflorestamentos com seringais introduzidos, fragmentos florestais e algumas castanheiras isoladas ao longo do caminho, essas rigorosamente protegidas por lei. A estrada da Borracha indica a proximidade de Xapuri e já nos faz sentir a presença viva de Chico Mendes.

No trajeto a Fábrica de Preservativos Masculinos (Natex), implantada por meio da parceria entre o governo do Acre e o governo federal, propõe aumentar a competitividade de produtos florestais e elevar a qualidade de vida dos seringueiros, desse modo, utiliza de forma única no mundo o látex de seringal nativo e produz camisinhas de alto padrão de qualidade, são compradas e distribuídas gratuitamente pelo Ministério da Saúde, com produção estadual e também para outros estados brasileiros. Esse tipo de experiência envolve 170 empregos diretos e mais de 700 famílias de seringueiros responsáveis pela coleta e fornecimento do látex. Isso reviveu o corte da seringa e revalorizou o trabalho dos seringueiros (NATEX, 2013).



Foto 12 e 13: Diretoria da SBEcotur e companheiros do Ecoturismo na Estrada da Borracha e a fábrica de preservativos NATEX, que aproveita o látex oriundo de seringal nativo. (João Bosco Nunes e LAVF, nov. 2013).

Xapuri, “Princesinha do Acre”, denominação simpática dada a essa cidade, relembra os tempos de fartura e expansão da borracha no final do século XIX. Era uma cidade-porto de recepção de notícias e entreposto comercial de mercadorias que circulavam no extremo ocidental da Amazônia brasileira. Também foi ponto de conflitos com a Bolívia e importante local estratégico durante a revolução acreana, entre 1899 e 1903, quando finalmente ocorre a incorporação do Acre no território brasileiro, ato formalizado pelo *Tratado de Petrópolis*. (ALLEGRETTI, 2002; 2008).

A cidade apresenta os seus ritmos. A rua do comércio, restaurada, demonstra esses tempos de fartura, a presença de lojas de imigrantes sírio-libaneses. A Casa Branca é ponto de referências sobre a presença dos bolivianos e revolução acreana.

Entre os espaços culturais existe a Casa de Chico Mendes. Criada como um Centro de memória é uma casa de madeira simples com telhas de barro, mantendo exatamente o espaço em que vivia o líder seringueiro. Muito próximo daí está a Fundação Chico Mendes, que é um espaço de reuniões e acervo de premiações e notícias do seringueiro e ambientalista.



Foto 14 e 15: Casa de Chico Mendes, participantes do CONECOTUR e moradores locais e a fachada da Fundação Chico Mendes em Xapuri (João Bosco Nunes e LAVF, nov. 2013).

Em Xapuri, Chico Mendes consolida sua posição como líder sindicalista e também sua vida como político, sendo eleito vereador em 1977, apesar da contrariedade dos companheiros sindicalistas. Participa da criação do Partido dos Trabalhadores (PT), no qual por várias vezes tenta uma atividade política ampliada, seja como candidato a deputado estadual ou prefeito, mas não consegue vencer a lógica populista, ruralista e conservadora vigente. Em suas ações vai adquirindo inimigos entre os fazendeiros locais, que o veem como um entrave ao progresso.

Apesar de sua educação política de esquerda, recebeu apoio do setor progressista da igreja católica e é pelas Comunidades Eclesiais de Base que consegue disseminar suas preocupações quanto à relação entre destruição da floresta e exploração capitalista. Descobre na educação e nas ações pacíficas a maior “arma” contra a injustiça e o desmando (PORTO-GONÇALVES, 2009).

Simplicidade e generosidade eram marcas registradas de Chico Mendes, em relatos de companheiros informam que era uma pessoa pacata, amiga, solícita, não tinha sequer uma bicicleta, nem a própria casa que morava que também era do movimento. Chico era leveza no olhar e na forma de ser, brincadeira e muita conversa, menos discurso e mais ação, assim diria Marina Silva (2008). Um agente sindical que nunca deixou de acreditar e ter respeito pelos entes sobrenaturais da floresta e seu papel no equilíbrio daquele ambiente. Natureza e cultura em sintonia.

O que Chico Mendes percebeu era que os rumos teriam que ser outros, pois já não era mais só uma discussão por direito dos trabalhadores, por posse da terra, por dignidade, mas pela proteção da floresta amazônica, tendo em vista a necessidade dela para a manutenção do modo de vida dos seringueiros e demais povos da floresta. Em virtude disso, Porto-Gonçalves (2009) denominou sua postura de ecossocialista.

Em síntese, é nesse campo de forças contraditórias que atua o movimento dos seringueiros. Surge como resultado de um conflito rural clássico entre posseiros e grandes proprietários, mas se desenvolve pela ação de atores sociais que constroem identidades coletivas singulares como forma de aglutinação de forças em um espaço político próprio. E se institucionaliza como política pública resgatando elementos da situação anterior, combinando-os com novos, resultantes de alianças estratégicas efetivadas visando conquistar poder político na relação com o Estado. E o Estado, por outro lado, ao acolher a proposta, busca legitimidade em um campo político novo, o das demandas socioambientais, cada vez mais difíceis de ignorar, especialmente quando resultam de pressões articuladas de forma simultânea em espaços nacionais e internacionais (ALLEGRETTI, 2008, p.42-43).

Assim, esse ponto do território brasileiro, longe da maioria dos centros metropolitanos, conseguiu destaque e fincou uma bandeira de caráter político, social e ambiental. A incorporação da visão ambientalista nos movimentos sociais. Daí o surgimento da ideia de Reserva Extrativista, fortalecendo o conceito de desenvolvimento sustentável, que estava sendo difundido naquela época. Discurso esse que foi incor-

porado ao movimento dos seringueiros pela colaboração de ambientalistas e pesquisadores, como a antropóloga Mary Allegretti (2002, 2008). Não era uma luta pela terra, era pela defesa de um modo de vida.

(...) as ações se estruturaram em torno da defesa da produção extrativista e do modo de vida tradicional dos seringueiros. Mas, ao assim fazer, o movimento apresentou um elemento inovador: a luta contra os desmatamentos, atividade que assegurava aos fazendeiros a propriedade da terra e que representava, para os seringueiros, a destruição da base econômica de sobrevivência, a floresta (ALLEGRETTI, 2008, p.41).

Apesar de todos os esforços para mudanças no rumo da história, Chico Mendes foi assassinado em 22 de dezembro de 1988, quando voltava do banho em sua humilde casa em Xapuri, cujo banheiro ainda era do lado de fora. Ele já pressentia que estava marcado para morrer e não havia nada que pudesse mudar isso, vivia-se um momento de polícia corrupta, ineficiência ou até apoio do governo à lógica agropecuária e as próprias condições de vida. Assim, nem mesmo com todo apoio nacional e internacional, em plena revisão constitucional, ou o reforço ambientalista e acadêmico para os movimentos sociais foram capazes de mudar essa situação.

A repercussão internacional do assassinato de Chico Mendes foi estrondosa, gerou um impacto muito negativo no Brasil. O que estava escondido, previsto, ficou visível e público, toda a imprensa denunciou os fatos. Os trabalhos de Keck (1995), Revkin (2004), Allegretti (2002, 2008), entre tantos outros, destacaram esse momento, que de outro lado, foi fundamental para manter a chama viva de Chico.

A questão da criação das Reservas Extrativistas, substituindo o modelo de colonização proposto pelo INCRA, já em discussão passou a ter mais atenção. Posteriormente esse tipo de área protegida foi incorporado no Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC, 2000), no entanto os princípios propostos por Chico Mendes foram aviltados no sentido da liberdade de gestão pelas comunidades locais (ALLEGRETTI, 2002; 2008; PORTO-GONÇALVES, 2009).

Assim, seguimos andando em Xapuri. Sentindo viva essa história. A gente sente um misto de satisfação por estar ali vivenciando e rememorando finalmente essa história real, rica e pulsante, ao mesmo tempo, uma dor no peito ao conhecer o fim trágico de Chico Mendes, representante de tantos outros brasileiros que lutaram contra a opressão do modelo socioeconômico desenvolvimentista, a lógica coronelista e os resquícios da época da ditadura brasileira.

Surge em evidência uma personagem básica que reforça a relação entre movimento ambientalista e movimento sindical e tantos outros movimentos sociais por melhores condições de vida. Entre esses momentos de distanciamentos e aproximações, aqui se mostrava um modo de vida pleno de sabedoria.

Momento de imersão 3- Seringal Cachoeira

(Chico Mendes: sua história, sua gente, seu legado e o roteiro ecoturístico)

Durante o trajeto para a zona rural, ainda se vê a mesma paisagem predominante entre Rio Branco e Xapuri, um misto de pasto/fazendas, castanheiras isoladas e fragmentos florestais. O choque de duas formas de desenvolvimento explicitadas ao vivo e em cores, em pleno campo.

A partir daqui entramos em uma imersão visual e poética sobre as potencialidades ecoturísticas dessa região xapuriense, tanto na situação real, como no texto ora escrito. Verificamos presencialmente o legado de Chico Mendes.

Chico agora pulsa vivo em todos os espaços, pois o Seringal Cachoeira é o seu lugar, sua origem, onde vive principalmente a família Mendes. Todos os que vivem aqui têm forte noção de pertencimento ao lugar, **topofilia** (TUAN, 1980). Falam do Chico com muito orgulho e saudade, talvez até uma ponta de revolta, por o terem eliminado tão brutalmente. Destacam que Chico foi pessoa única, líder nato, generoso, altruísta e ao mesmo tempo brincalhão.

Foi no seringal desde a infância que as suas ideias brotaram e foram para o forno de lenha, cresceram com aroma e temperos apropriados, utilizando como fermento social a solidariedade, a inconformidade com a injustiça, a esperança de uma vida melhor. Daqui suas mensagens se fortaleceram em cada um e ganharam mais que o cenário nacional, indo parar em todos os cantos do mundo. Parece apenas um texto poetizado, mas eu realmente me arrepio por escrever isso, pois eu me senti intimamente envolvido em parte desse processo, ao longo desses dias de imersão socio-ambiental.

Finalmente chegamos à Pousada Ecológica Seringal Cachoeira, que é administrada pela turismóloga Fernanda Mendes, prima de segundo grau do Chico Mendes. Seu pai, Nilson Mendes, foi nosso anfitrião, nosso guia, nosso animador cultural, nos dois dias que permanecemos naquele rincão acreano.



Foto 16 e 17: Pousada Ecológica Seringal Cachoeira. Área do refeitório durante o dia. O alojamento masculino à noite (LAVF, nov. 2013).

A primeira parte da programação no final da tarde foi o **Circuito de Aventura “Chico Mendes”**, reconhecido como o maior da Amazônia, que é um roteiro de arvorismo contando com um percurso total de 623m. O percurso que pode ser acrobático ou contemplativo passa por diversos obstáculos próximos das copas das árvores, como pontes de troncos, redes, cabos de aço, etc. Inicia em 9m e termina com 25 m de altura, antes de uma tirolesa de tirar o fôlego, com 300 m de extensão. (ACRE, [s.d.]). Diversão, alegria e conhecimento em intimidades.

Ver o pôr do Sol no alto das enormes árvores, em plena floresta amazônica, mesmo que já bastante alterada, promove um sentimento de plenitude, regozijo e contemplação, de outro lado, as atividades propostas estimularam a adrenalina, aventura, permitindo redescobrir limites e checar o preparo físico.

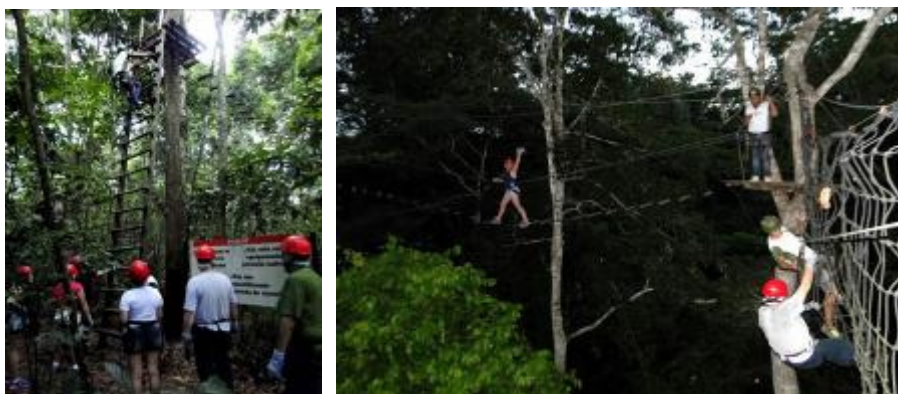


Foto 18 e 19: Circuito de Aventura “Chico Mendes”, testando o roteiro (LAVF, nov. 2013).

A proposta de roteiro ecoturístico implica em uma imersão na rotina e cotidiano da família Mendes e colaboradores. Despertar de madrugada, antes do nascer do Sol, se faz necessário para seguir pelos caminhos da seringa, da mesma forma como sempre foi realizado pelos seringueiros. Nilson Mendes, nosso guia, já está com sua poronga (espécie de suporte de lampião a querosene) iluminando e explicando o trabalho da extração do látex em uma seringueira perto da Pousada.



Foto 20 e 21: Nilson Mendes e sua poronga, explicando sobre a dura rotina do seringueiro e a caminhada proposta entre seringais (LAVF, nov. 2013).

Depois da caminhada, em meio às castanheiras, seguimos por uma área de pastos até a Casa de Duda Mendes (irmão de Chico Mendes) e Dona Bilú, antiga sede do seringal e da fazenda, para participar de um café da manhã reforçado, mandioca cozida e manteiga, ovos caipiras, rodela de abacaxi, mamão, bodó (tipo bolinho de chuva), leite de amêndoas e café forte.



Foto 22, 23, 24, 25: Café da manhã na simpática casa de Duda Mendes e Dona Bilú (LAVF, nov. 2013).

Na volta da caminhada uma parada para o caso dos empates. Os empates aqui apresentados como parte do roteiro turístico (motivos e história).

Com a expansão da atividade agropecuária na época do milagre brasileiro, os seringalistas acabaram vendendo as terras dos Seringais para fazendeiros, muito deles eram foragidos de seus estados de origem por grilagem de terras e abusos. Esses indivíduos foram para essa região apenas para derrubar a floresta e implantar pastos para a pecuária. Sendo assim, queriam simplesmente tirar os seringueiros de suas terras, pois não precisavam deles ali. Isso foi o que gerou diversos conflitos.

Os seringueiros encontraram nas ações pacíficas uma maneira de lutar e resistir, sem uso da força, chamando-os de **empates**, obstáculos, impedimentos.

O Empate consistia na reunião de homens, mulheres e crianças, sob a liderança dos sindicatos, para impedir o desmatamento da floresta, prática que se tornaria emblemática da luta dos seringueiros. Nos Empates

alertavam os 'peões' a serviço dos fazendeiros de gado, geralmente de fora do Acre, que a derrubada da mata significava a expulsão de famílias de trabalhadores, convidava-os a se associar à sua luta oferecendo 'colocações' e 'estradas' de seringa para trabalhar e, firmes, expulsava-os dos seus acampamentos de destruição impedindo seu trabalho de derrubada da floresta (PORTO-GONÇALVES, 2009, p.152).

Emociona a gente quando Nilson Mendes nos conta que mulheres, velhos e crianças estavam à frente do grupo cantando o hino nacional, impedindo a progressão da derrubada, mesmo com o exército, polícia, jagunços e quem mais.



Foto 26 e 27: Contando o causo dos empates na floresta, sentimento e orgulho (LAVF, nov. 2013).

A hora do almoço prometia comida peculiar, com sabor bem acreano. Arroz de jambu com tucupi, que agrega um sabor discretamente azedo, algo picante, levemente anestésico. Acompanha a carne com castanha e purê de mandioca.



Foto 28 e 29: Refeitório da pousada e o prato de Arroz de Jambu com Tucupi (LAVF, nov. 2013).

A gente não é de ferro, depois de acordar tão cedo, programação intensa, merece um descanso preguiçoso de rede no meio da floresta.



Foto 30: Rede na floresta (LAVF, nov. 2013).

À tarde a Trilha da Samaúma, uma caminhada na floresta com enfoque botânico. O Nilson Mendes nos provocava em cada parada, seja para perguntar o que sabíamos, informar sobre o uso medicinal de uma planta da floresta ou direcionar nosso olhar. A cada passo novidades, informações, conhecimentos populares misturados com dados científicos, experiências de um autodidata.



Foto 31 a 37: Trilha da Samaúma, botânica e imersão na floresta e no conhecimento dos seringueiros. Infelizmente a imponente árvore não foi registrada devido à forte chuva que caiu (LAVF, nov. 2013).

Para finalizar bela despedida do lugar, com festança no seringal, discurso emocionado, comitiva, futebol, comes e bebes e muita música, dia inteiro.



Foto 38 e 39: Comitiva e festa na despedida do Seringal Cachoeira. (LAVF, nov. 2013).

Lições acreanas ao ecoturismo

Em minha pesquisa realizada no Vale do Ribeira, envolvido pela região paulista de Mata Atlântica, destacou-se o discurso provocativo de **“O ‘Meio Ambiente’ Prejudicou a Gente...”** (FIGUEIREDO, 2000; 2006), por conta dos conflitos gerados pela forma como foi implantada a política ambiental. Por outro lado, no Acre e nas ações dos seringueiros, liderados por Chico Mendes, foi a floresta e a relação dos povos com o lugar que determinaram a sua vida e o fortalecimento de sua luta. O destaque é para outra forma de ação ambiental, em que a cultura e as questões sociais estejam intimamente relacionadas. Levo na bagagem mensagens-aprendizagens, princípios vívidos de uma educação ambiental na prática.

McIntosh (2012) fala da construção da ideia de lugar e da responsabilidade da comunidade como o encontro entre a natureza com a cultura. Para isso propõe um necessário ciclo que definirá a noção de pertencimento, levando em conta o *senso do lugar* (fundamentação), *senso de identidade* (ego - “cabeça”), *senso de valores* (alma - “coração”) e o *senso de responsabilidade* (ação - “mãos”). Coisa que se vê muito forte na aliança dos povos da floresta e no legado de Chico Mendes.

Ecoturismo é uma prática social/atividade que deve promover a relação entre cultura e natureza, fortalecendo os povos do lugar. Nesses dias de imersão na vida da Amazônia acreana tivemos oportunidade de vivenciar essas práticas sem maquiagens, nem teorias, mas na singela simplicidade e riqueza da vida real.

Voltamos agora para nossas regiões de origem, reenergizados, cada qual com suas bagagens culturais ampliadas, brasilidade reforçada, experiências de vida renovadas, além de milhares de perspectivas novas para nossas práticas educativas e investigativas com foco em um ecoturismo com sólida base comunitária.

No Acre esse mês de dezembro não é de tristeza, por tantos anos sem Chico Mendes, ao contrário é ano de comemoração, inclusive o tom propositivo dado ao slogan é **25 anos: Chico Mendes Vive Mais!**

(...) pensaram calar com uma bala essa voz cuja força,
tal como uma poronga,
continua iluminando caminhos.

(Carlos Walter Porto-Gonçalves, 2009)

Agradecimentos

Essa oportunidade de trocas só aconteceu devido ao convite da Sociedade Brasileira de Ecoturismo (SBECotur) e dos organizadores do 9º. Congresso Nacional de Ecoturismo (CONECOTUR) da Secretaria de Turismo e Lazer do Governo do Acre, aos quais agradeço muito. Ao turismólogo João Bosco Nunes, pela simpatia e pelo esforço de chamar o congresso para o Acre, além do excelente trabalho realizado em suas atividades ecoturísticas à frente da Maanaim Turismo. Ao Sr. Luiz Targino de Oliveira pelo emocionante depoimento em Xapuri sobre o movimento dos seringueiros e ao Nilson Mendes pelos momentos de imersão proporcionados no Seringal Cachoeira. Agradeço também o apoio de todos os gestores e funcionários da Pousada Ecológica Seringal Cachoeira e os estagiários da Biblioteca da Floresta em Rio Branco, que nos cativaram por sua dedicação e envolvimento. Ressalto ainda a importância dos companheiros do Congresso e da SBECotur que puderam compartilhar esses incríveis momentos. E as inspirações de Chico Mendes.

Referências bibliográficas

ACRE (Estado). Secretaria de Estado de Turismo e Lazer. **Guia turístico do Acre**. Rio Branco: SETUL; SEBRAE; EMBRATUR, [s. d].

ALLEGRETTI, M.H. **A construção social de políticas ambientais**: Chico Mendes e o movimento dos seringueiros. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável, área Gestão e Política Ambiental) – Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília, 2002. Disponível em: <http://www.cpd1.ufmt.br/gpea/pub/chico%20mendes%20e%20seringueiros%20alegretti.pdf>. Acesso em: 01 dez. 2013.

ALLEGRETTI, M. A construção social de políticas públicas: Chico Mendes e o movimento dos seringueiros. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**. Curitiba: UFPR, v. 18, p. 39-59, jul./dez. 2008. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/made/article/view/13423/9048>. Acesso em: 01 dez. 2013.

ALMEIDA, M.W.B. Direitos à floresta e ambientalismo: seringueiros e suas lutas. **Rev. Bras. Ciências Sociais**. São Paulo: ANPOCS, v. 19, n. 55, p. 33-53, jun. 2004. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092004000200003>. Acesso em: 01 dez. 2013.

CARVALHO, C. (ed.). **Caderno povos da floresta**. Rio Branco: Comitê Chico Mendes; Brasília: MMA, 2003. (v. 1).

FIGUEIREDO, L.A.V. “O ‘meio ambiente’ prejudicou a gente...”: políticas públicas e representações sociais de preservação e desenvolvimento; desvelando a pedagogia de um conflito no Vale do Ribeira (Iporanga-SP). 1999. 489 p. + anexos, il. color. Dissertação (Mestrado em Educação, área de Educação, Sociedade e Cultura) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Campinas, 2000. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000197676&fd=y>. Acesso em: 30 dez. 2013.

FIGUEIREDO, L.A.V. Políticas públicas, representaciones sociales y la pedagogía de los conflictos socioambientales: um caso educativo brasileiro. **Tópicos em Educação Ambiental**. Guadalajara, México, v.5, n.14, p.52-64, ago. 2006.

KECK, M.K. Social equity and environmental politics in Brazil: lessons from the rubber tappers of Acre. **Comparative Politics**. V. 27, n. 4, p. 409-425, jul. 1995. Disponível em: <http://www.jstor.org/discover/10.2307/422227?uid=3737664&uid=2134&uid=2476363867&uid=2476363857&uid=2&uid=70&uid=3&uid=60&sid=21103137384533>. Acesso em: 01 dez. 2013.

McINTOSH, A. Teaching radical human ecology in the academy. In: WILLIAMS, L.; ROBERTS, R.; McIntOSH, A. (eds.). **Radical human ecology**: intercultural and indigenous approaches. England: Ashgate, 2012.

MENDES, E. *et al.* **A história de Chiquinho**. Xapuri, AC: Instituto Chico Mendes, 2009.

NATEX. **A instituição**. Xapuri, AC: Natex Preservativos, 2013. Disponível em: <http://www.preservativosnatex.com.br/online/index.html>. Acesso em: 02 dez. 2013.

PORTO-GONÇALVES, C.W. Chico Mendes: um ecossocialista. **Observatório Social de América Latina (OSAL)**. Buenos Aires, Argentina: CLACSO, ano 10, n. 25, p. , abr. 2009. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/gsd/collect/clacso/index/assoc/D4159.dir/09porto.pdf>. Acesso em: 01 dez. 2013.

RANZI, T.J.D. **Geoglifos do Acre e a proteção de sítios arqueológicos no Brasil**. Rio Branco: Printac, 2011.

REVKIN, A. **The burning season**: the murder of Chico Mendes and the fight for the Amazon rain forest. Washington D.C; USA: Island Press; Shearwater Books, 2004.

SILVA, M. Doce como urucu. In: MARTINS, Edilson; JUNG, Natália (ed.). **Caderno povos da floresta**: Chico Mendes, o homem da floresta. Rio Branco: Comitê Chico Mendes, 2008. (v. 2).

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo de percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: DIFEL, 1980.

Luiz Afonso Vaz de Figueiredo: Centro Universitário Fundação Santo André, Diretor da Sociedade Brasileira de Ecoturismo (SBEcotur). Santo André, SP, Brasil.

E-mail: lafonso.figueiredo@gmail.com

Link para o curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5253650313975776>